

PEDAGOGIA DE RUA ENQUANTO EMANCIPAÇÃO CRÍTICA DO SUJEITO: CARACTERIZAÇÃO DE UM PROCESSO INOVADOR DE FORMAÇÃO HUMANA

Bruna Fernandes da Silva⁽¹⁾

⁽¹⁾ Graduanda do Curso de Pedagogia/Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, Palmeira dos Índios, Alagoas
 brunahia@hotmail.com

Resumo: Este trabalho parte de uma reflexão acerca da pedagogia de rua, o enfoque do ensaio traz uma reflexão e um novo olhar diante do processo de formação humana. A educação pautada aqui propõe a cada um a oportunidade de transformar todo o instante de sua vida num instante de aprendizagem trazendo para a consciência a importância de uma autonomia conquistada dentro do ambiente de vivência contínua que é a rua, buscando a emancipação do sujeito através da reflexão crítica da realidade. Nesse sentido a formação humana, concepção construída na cultura ocidental, que sendo vista assim nos remete a uma significação própria do homem, ou seja, a humanização do homem. Algo que não nasce pronto, mas é definido no processo de formação. Formação essa que pode expressar vários significados constituição de caráter, modo porque se constituiu uma mentalidade, conceber, dispor-se em ordem, criar e instruir-se. A ideia de formação é aquela que alcança um modo de constituir-se marcado por uma qualidade imprescindível, a emancipação do sujeito autônomo. Então a pedagogia de rua é transformadora por dedica-se a formar uma consciência crítica e ampla no sentido das discrepâncias sociais e faz-nos percebermos nessa desigualdade conflitante social. O objetivo é a reflexão, sistematização e a crítica no processo educativo, desmistificando o paradigma da pedagogia centrada somente nos espaços escolares não contendo uma reflexão do processo de formação humana e vivências cotidianas, pois as experiências de vida estão intimamente ligadas ao pensar do sujeito, construindo a fecundidade formativa e autorreflexão crítica.

Palavras-chave: Autonomia do ser, consciência, reflexão.

Abstract: This work starts from a reflection on the street pedagogy, the focus of the essay presents a reflection and a new look on the process of human development. The education based here offers everyone the opportunity to transform every moment of your life in an instant learning bringing awareness to the importance of autonomy achieved within the living environment that is still the street, looking for the emancipation of the subject through critical reflection of reality. In this sense the human, conception built in Western culture, that being seen thus refers us to a man's own meaning, ie, the humanization of man. Something that is not born ready, but is defined in the training process. Training that they can express various meanings formation of character, because it was a way mentality, conceive, be arranged in order, create and educate themselves. The idea of training is one that achieves a way to be marked up by an essential quality, the emancipation of the autonomous subject. Then the street is transformative pedagogy for dedicates itself to form a broad and critical awareness towards social discrepancies and makes us realize that conflicting social inequality. The goal is reflection, systematic and critical in the educational process, demystifying the paradigm of pedagogy focused only on school spaces not containing a reflection of the human daily experiences and training process, as the experiences of life are intimately linked to thinking of the subject, building formative fertility and critical self-reflection.

Keywords: Autonomy of being, consciousness, reflection.

Aspectos do Conhecimento Humano

Antes de realizarmos uma ação pensamos em fazê-la; quando realizarmos a ação na realidade compreendemos que teremos uma reação da realidade e esse processo nos permitira um conhecimento compreendido do mundo. Saberemos agir diante dessa mesma realidade por já ser compreendida/entendida. Desta forma pautamos o conhecimento no tempo teórico-prática e prática-teórico. O conhecimento humano é a forma de compreensão do mundo e posteriormente a transformação da realidade. O homem em uma determinada situação compreenderia tudo em torno dessa situação para em seguida agir, logo, essa ação de compreender é o ato de pensar. Então pensamos uma ação, antes de fazê-la, por entender que essa ação gera-nos uma reação futura, sendo assim duplicamos esse pensamento, pois também pensamos como reagir à reação do mundo. Os objetos que aparecem para o homem são agora, entendidos inseridos na consciência/conhecimento. Cria-se um ciclo, onde tudo que o homem desconhece é um desafio para ele, onde terá que desvendar e domina-lo deixando a submissão daquilo que não conhece. Conclui-se que todos os seres humanos tem a capacidade da consciência/conhecimento, talvez de forma sutil, mas nenhum nasce sem essa capacidade. O conhecimento traz o sujeito para o mundo e ao mesmo tempo pra si. Esse caminho caracteriza-se como a libertação do sujeito, a construção da autonomia do ser. Autonomia caracterizada por reflexão, duplicidade do pensamento, e critica a realidade questionada pelo homem.

A Pedagogia De Rua Em Um Contexto Histórico

A pedagogia de rua sempre nos apareceu como algo sutil, até então associado à questão social de crianças e adolescentes, na década de 70 houve um grande número de crianças e adolescente de rua o que acarretou uma pesquisa nesse sentido, notadamente era um problema social que com o crescente desenvolvimento do país geraria claro, a desigualdade e pobreza entre os sujeitos, logo os movimentos sociais, pastorais, ONG's e instituições sociais se mobilizaram para o enfrentamento da realidade vivida. Em 1964 o país vivenciava o período do "milagre", ou seja, um enorme crescimento de renda, porém essa concentração de renda era somente direcionada a elite brasileira, como coloca segundo (OLIVEIRA, 2007) O 'milagre' resultou numa crescente concentração de renda, empobrecendo a população: os ricos ficaram mais ricos, os pobres aproximaram-se mais da miséria, agravaram-se os problemas sociais. Com essa situação social as crianças e adolescentes sofriam um grande desamparo no sentido de políticas públicas, entendendo que tinha um grande índice de mortalidade infantil, trabalho de menores e situação de rua.

Depois de uma pesquisa em 1974 feita pelo Fundo das Nações Unidas para Infância UNICEF, dando visibilidade as crianças e adolescentes em risco de vulnerabilidade social, iniciou-se um processo de articulação para mudanças de paradigmas entre militantes de pastorais e movimentos sociais, pesquisadores e acadêmicos de universidades, desta forma começou-se a pensar a educação de rua como causa emergente. Partindo do pressuposto da pedagogia da presença baseada na mudança pura e simples do sujeito, porém essa mudança não é de forma forçada imposta pela sociedade nas leis ou sanções, a mudança parte do sujeito que se torna autônomo crítico de sua realidade social, ela nega toda essa forma de reabilitação assistencial.

A fase pioneira da pedagogia de rua surgiu apoiada pelo UNICEF e a Ministério da Previdência e Assistência social (MPAS) com um projeto de atendimento aos meninos de rua, nessa época já faziam uma diferenciação entre "criança de rua" que não tinha uma referência de habitação e "criança na rua" aquela que exerciam parte de suas atividades nas ruas. Mas tinha uma referência de habitação com base nas experiências já vivenciadas na Praça da Sé, lugar onde começou toda intervenção de agentes pastorais educadores sociais com a educação de rua, passaram a debater a educação fora da escola. A expansão foi bastante visível e a estratégia era fomentar outros grupos comunitários para que trabalhassem não somente com as crianças e adolescentes, mas todos os sujeitos de comunidades periféricas.

Era propício trabalhar na organização comunitária e com ações para a defesa dos direitos dos cidadãos. Surgiram, assim, no contexto de uma Pedagogia Social de Base Comunitária, os Centros de Defesa de Direitos da Criança e do Adolescente - grupos comunitários agindo na perspectiva de uma educação civil, isto é, enfatizando a igualdade de direitos para todos os cidadãos. Tornaram-se uma referência, um lugar onde a comunidade podia achar ajuda e que oferecia educação sobre direitos da cidadania (OLIVEIRA, 2007, P.150).

Em 1982 o Fundo das Nações para Infância- UNICEF junto com o Ministério da Previdência e Assistência social- MPAS criaram Projeto Alternativas de Atendimento aos Meninos de Rua. Seu principal objetivo, desenvolver abordagens de intervenção comunitária, a partir da ideia de que uma adequada atenção às crianças e adolescentes de rua implicando o envolvimento com suas comunidades de origem. Partindo das experiências relatadas pelo Projeto de Alternativas de Atendimento aos meninos de Rua realizou-se então o primeiro Seminário Latino-Americano de Alternativas Comunitárias para Crianças de rua, em Brasília. Com a participação de vários grupos interados nessa prática resolveram oficializar um movimento chamando Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua visava Fortalecer as práticas libertárias que considerem meninos e meninas de rua como agentes de suas próprias vidas, promotores de uma nova sociedade justa, fraternal e participativa, em conjunto com todos os segmentos oprimidos que hoje lutam por sua liberdade (MNMMR, 1985). O movimento foi quem criou o primeiro centro de formação em Educação Social de Rua, mesmo estabelecendo os educadores como militantes.

Considerações Finais

Sendo assim a educação de rua nasce da necessidade de uma reflexão crítica da realidade, vem mostrar ao sujeito que são cidadãos e vivem em sociedade, traz à nossa visão os significados sociais que grupos diversos manifestam em situações que requer postura de reflexão e comprometimento daqueles que se propõem a promover mudanças significativas na vida dessas crianças marginalizadas em nossa sociedade. A ideia de pedagogia centrada somente nos muros das escolas aos poucos vem sendo desmitificada, entendendo que a educação dar-se das mais variadas formas nesse sentido a legislação educacional vem sendo flexível, quando a Resolução do Conselho Nacional de Educação, CNE/CP nº. 1, de 15 de maio de 2006 coloca no seu Artigo 5º inciso IV, “trabalhar, em espaços escolares e não escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo”. A pedagogia tem, evidentemente, sempre se voltado para a escolarização formal à chamada escola democrática e inclusiva que tem se esforçado para agregar todos e todas independentemente de suas culturas comunitária, sua questão econômica, seu gênero, sua cor, enfim o saber que é produzido na vivência. É preciso levar o menino a pensar a prática como o melhor caminho para pensar o certo. Somente adentrando no mundo dos sujeitos das margens que poderemos descobrir suas potencialidades e limites e a partir daí fazer uma análise crítica do seu modo de vida e assim situa-se nas soluções de sua problemática social.

Referências

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Resolução nº 1, de 15 de maio de 2006. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 de maio de 2006, seção 1, p. 11.

PAIVA, Jacyara Silva de. Epistemologia social de rua. **Gestão Contemporânea**; Espírito Santo, v.2 n.1, p. 34 - 46, Set. 2012.

OLIVEIRA, Walter F. de. **Educação social de rua**: bases históricas, políticas e pedagógicas. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 14, n.1, p.135-158, jan.-mar. 2007.